

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Fernanda Walmer de Oliveira

***Memórias Narradas sobre a Covid-19:
cotidianos atravessados pela pandemia***

Mariana
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Fernanda Walmer de Oliveira

***Memórias Narradas sobre a Covid-19:
cotidianos atravessados pela pandemia***

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora:

Profa Dra Hila Rodrigues

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48m Oliveira, Fernanda Walmer De.
Memórias Narradas sobre a Covid-19 [manuscrito]: cotidianos
atravessados pela pandemia. / Fernanda Walmer De Oliveira. - 2022.
26 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Aprendizagem experimental. 2. Covid-19 (Doença). 3. Narrativa
(Retórica). I. Rodrigues, Hila Bernardete Silva. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 616.9

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Fernanda Walmer de Oliveira

Memórias Narradas: cotidianos atravessados pela Covid-19

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 13 de janeiro de 2022

Membros da banca

Profª Drª Hila Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/02/2022



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/02/2022, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0275215** e o código CRC **DE868C84**.

Aos sobreviventes da Covid-19 e aos que nos deixaram cedo demais.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus, por ter cuidado de mim, e me dado forças para continuar, sempre.

Aos meus pais, Eliana e Fernando, todo o meu amor e gratidão. Vocês me deixaram livre para escolher meu caminho e percorreram cada passo comigo. Agora eu sei que a força de vocês também vive em mim. Obrigada por acreditarem que eu conseguiria.

Aos meus irmãos Willen, Francielle e Adrian, que se tornaram minhas maiores saudades: mesmo longe, vocês sempre poderão contar com sua irmã mais velha – se continuo, é por vocês.

À Franciele, amiga que conquistei na graduação: obrigada pela sua ajuda incansável, sempre vou me lembrar de você com carinho.

Obrigada, Hila, por aceitar me orientar neste trabalho, e por me acolher e incentivar apesar das adversidades.

Obrigada Cláudio Coração e Frederico Tavares, por aceitarem compor minha banca examinadora. É uma honra para mim.

Agradeço às minhas amigas de longa data, que trago de Mococa-SP, por permanecerem na minha vida.

Agradeço aos meus amigos e amigas de Ouro Preto-MG e Mariana-MG, por compartilharem comigo experiências únicas, conversas profundas e aprendizados que me projetam para frente e para melhor.

E, finalmente, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e ao curso de Jornalismo, seus docentes e demais envolvidos, pelo ensino público e de qualidade que segue resistindo às ameaças a fim de garantir, para todos, o acesso ao conhecimento que produz.

RESUMO

Este produto tem por objetivo compartilhar com o leitor experiências vividas durante a Pandemia de Covid-19, tentando compreender como essa doença atravessou a vida das pessoas. Sete personagens entrevistados, que contam suas histórias de vida de forma testemunhal e dialogal, dentro das definições de Nilson Lage, deram corpo ao livro. A narrativa produzida apresenta um olhar aprofundado sobre o real, característica do livro reportagem na concepção de Paula Melani Rocha e Cintia Xavier, além de empregar recursos literários do “New Journalism” fundados no uso da subjetividade como estratégias textual. O presente trabalho também recorre à “narrativa da dor”, principalmente a partir da perspectiva de Susan Sontag. O produto e seu memorial resultam de duas operações principais: a pesquisa bibliográfica e a técnica de entrevista.

Palavras-chave: Covid-19; Experiências; Livro-reportagem; Narrativas; Pandemia

ABSTRACT

This product aims to share experiences with the reader during the Covid-19 Pandemic, trying to understand how this disease crossed people's lives. Seven interviewed characters, who tell their life stories in a testimonial and dialogic way, according to Nilson Lage's definitions, gave shape to the book. The narrative produced presents an in-depth look at reality, characteristic of the book reportage in the conception of Paula Melani Rocha and Cintia Xavier, in addition to employing literary resources from “New Journalism” based on the use of subjectivity as textual strategies. The present work also uses the “pain narrative”, mainly from the perspective of Susan Sontag. The product and its memorial result from two main operations: the bibliographic research and the journalistic interview technique.

Keywords: Covid-19; Experiences; Report book; Narratives; Pandemic

Sumário

1. Introdução	7
2. A dor do outro	9
3. Narrativa e narrador	11
3.1 Livro-reportagem	12
3.2 Entrevista	14
4. Pauta estendida	16
5. Processo de entrevista	18
6. Projeto Gráfico	22
7. Considerações finais	24
8. Referências	25

1. Introdução

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta para uma doença que se espalhava em Wuhan, cidade metrópole da China. Tratava-se de um novo agente de uma família de vírus, o Coronavírus, capaz de levar o ser humano a graves quadros de infecção respiratória. O Sars-cov-2, o novo Coronavírus, causador da COVID-19, apresentou alta capacidade de contágio entre as pessoas e, rapidamente, ultrapassou as fronteiras de Wuhan, espalhando-se pelo resto do país e do mundo.

A contaminação resultou em grande taxa de mortalidade entre pessoas com mais de 60 anos ou com comorbidades, principalmente respiratórias. No dia 11 de março de 2020 a OMS declara a pandemia de Covid-19 e, no dia seguinte, o Brasil registra sua primeira morte pela contaminação do vírus. Em três meses, praticamente todos os países do mundo já apresentavam casos de contaminação e iniciavam a luta contra o novo Coronavírus.

Este livro busca reunir experiências de algumas pessoas que viveram a pandemia de Covid-19, tentando aproximá-las, representá-las, acolhê-las e homenageá-las. A partir de relatos que denomino “narrativas da dor”, e dentro das perspectivas que orientam o livro reportagem, busco, com este trabalho, arquivar memórias e relatar vivências atravessadas pela pandemia em questão. É preciso lembrar que a pandemia de Covid-19 não é apenas o tema deste livro, mas também é o tempo e circunstância onde ele é produzido, ou seja, minha própria experiência pessoal atravessa as narrativas aqui presentes. Eu vivo, em alguma medida, muita coisa daquilo que escrevi. É um reportar, também, de dentro para fora, sabendo preservar e respeitar a história do outro e, mesmo assim, conseguindo ver um pouco das minhas próprias histórias no cerne dos textos.

Busco gerar também no leitor – através dos relatos – este movimento de encontro. Cada uma das histórias contadas traz suas especificidades e, ao mesmo tempo, transcendem uma experiência que é coletiva. Cada um sentiu esse tempo de pandemia e foi afetado por ele de forma diferente. Os números falam por si sobre a magnitude do ocorrido, mas as palavras precisam ser usadas para contar as histórias por trás dos números.

Nesse sentido, é importante falar dos encontros do “eu” com o “outro”, um ponto crucial para pensar a construção da narrativa, como observa Resende:

O lampejo da expressividade dá-se na relação, no contato entre o que se vive e a língua — elementos que são frutos de um constante atrito

entre a experiência individual e a que se tem com o outro. Nesse lugar onde os eus se encontram, constroem-se discursos que, uma vez tecidos, refazem-se em narrativas. As histórias, tecidas por sujeitos-protagonistas, são produzidas e, ao mesmo tempo, produtos desse lugar. (RESENDE, 2009, p. 39)

Optou-se, aqui, pela linguagem sensível, próxima da literária, como forma mais adequada para contar o que é difícil contar. Assim, pretende-se, com este trabalho, acessar a memória individual e coletiva dos brasileiros no recorte de 2020/2021, durante uma pandemia sem precedentes, através do relato de sete pessoas sobre suas memórias e suas dores.

2. A dor do outro

Parte importante da obra de Susan Sontag é dedicada à análise do impacto que as fotos de guerras causam nas pessoas. A autora usa como objeto de estudo o material fotográfico sobre o sofrimento humano nas situações de conflito – como é possível observar no livro “Diante da Dor dos Outros”. Apesar de o material de análise de Sontag ser diferente do elemento acionado no produto aqui apresentado – que foca, principalmente, em elementos como a palavra e a estrutura textual – foi possível absorver as impressões da autora e trazê-las para este campo, a fim de se pensar outra questão importante: como representamos e lidamos com a dor do outro?

O Jornalismo sempre abriu possibilidades para o contato direto com as dores e perdas humanas. Com isso, o profissional de imprensa está, não poucas vezes, exposto cotidianamente à dor do outro. As proposições de Susan nos levam a pensar em que medida essa exposição recorrente – e às vezes também agressiva – da dor nos deixa apáticos e distantes das representações do sofrimento. E em que medida nosso olhar se sente acostumado com tais imagens ou narrativas, passando, a partir daí, a ser indiferente. É que, nesse estado, o sujeito pode escolher, simplesmente, mudar de página, não olhar, não ler ou mudar de canal, como forma, também, de se sentir seguro ao se ver distante de uma determinada realidade.

Mas correlacionado a esse distanciamento, há a “atração” que o ser humano sente pelo sofrimento. A dor do outro pode mostrar, para muitas pessoas, que as suas próprias dores são ínfimas em comparação a outras situações, e isso gera uma sensação de alívio. Há também o olhar de interesse diante a dor que nos é exposta – ou os acidentes e tragédias diversas não atrairiam rodas de curiosos que em nada podem ajudar, mas que querem observar de perto a situação que se apresenta.

Diante tantas dores e tanto sofrimento vividos com a pandemia de Covid-19, como ficou o nosso olhar para o outro? Principalmente para as dores do outro. Tantos textos, imagens e vídeos que nos contam sobre o sofrimento buscam que tipo de olhar, que tipo de troca com seu público? E como recebemos tudo isso? É mera busca por informação ou curiosidade acerca dos diferentes níveis de sofrimento (para nós e para o outro)?

Este produto fala da dor do outro, mas a intenção é a de revelar esse outro – e também a nós, que construímos narrativas sobre o mundo. É uma tentativa de colocar histórias sobre a mesa e afirmar: sim, a situação é bem difícil, e eu vou mostrar como está

sendo difícil para algumas pessoas, em especial. Muitas outras dores não estão expostas no livro, mas andam de mãos dadas com as histórias contadas aqui, pois todas seriam dignas se serem relatadas, de ocupar um lugar nesse trabalho.

Por tudo isso, a linguagem é trabalhada de modo a tangenciar o sensível, para não deixar mais difícil o que já é. Por isso as histórias curtas – em que eu não preciso ir além do que aquela pessoa consegue me contar e não preciso explorar uma dor que, com pouco, já se mostra grande. Por isso o contato prévio com cada entrevistado, explicando esse trabalho – para que aquela colaboração seja confortável, e não traumática. O que espero, com este produto, é que consigamos desenvolver um olhar marcado pela sensibilidade, pela empatia, pelo respeito e pela humanidade. Para as nossas dores e para as dores do outro.

3. Narrativa e narrador

Este produto não tem como objetivo contar a história das personagens em questão – não sei se algum texto seria capaz de fazê-lo, menos ainda um texto de três laudas. O objetivo aqui é olhar para as circunstâncias do momento e suas conseqüentes aflições e dores dentro do espaço tempo de um dia ou pouco mais que isso. Há, em muitas das histórias aqui apresentadas, um “evento”, um “destaque”, alguma coisa que evidencie e justifique o dia narrado. Mas mesmo nestas histórias, principalmente quando a narrativa do cotidiano é forte, o olhar para o “habitual”, para o “simples”, para o que parece comum é de extrema importância. Ajuda a construir uma narrativa forte no sentido de se falar sobre o que, no fundo, é difícil. Ana Cláudia Resende, no artigo *“Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas”*, acredita que esse olhar mais atento para os detalhes presentes tanto na coisa narrada quanto na história do narrador, é onde residiria a potência narrativa. Essa perspectiva se articula com o pensamento de Fernando Resente (2002) e sua concepção de “narrador-jornalista”, aquele que escreve observando a complexidade da realidade dentro de suas possíveis nuances, apresentando a cena para além do que está aparentemente posto.

A história do cotidiano, mais precisamente a história de um momento da vida dos sete personagens deste livro, entrelaçam-se muitas vezes com a minha própria história. Não é sobre a minha experiência que escrevo. Não de forma direta e declarada. Mas também o é. A experiência da pandemia nos atravessa a todos. E acredito que seja por esse atravessamento, por esse lugar em comum, que esta narrativa dial ganha força. “Testemunha”, dentro da narrativa jornalística, de acordo com Gagnebin, também é “aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). O testemunho onde o jornalismo nos coloca faz de nós “testemunhas de outros testemunhos”, como aponta Ana Cláudia:

Pouco importa se o jornalista estava ou não presente no momento em que se deu o acontecimento, mas o modo como ele o reconstitui. Afinal, o relato não pode ser considerado menos autêntico pelo fato de ocorrer fora da experiência direta. (PERES, 2016, p. 6)

Neste produto, a minha colaboração enquanto “narradora-jornalista” ou “narradora-testemunha” vem na tentativa de registro da memória individual e coletiva e aproximação das diversas experiências vividas na pandemia, para além daquelas expostas no livro. O testemunho pode ser ponte para a experiência:

somente através dos restos que chegam pelos testemunhos, torna-se possível para o leitor se imaginar como parte da experiência narrada.[...] imaginar-se presente no acontecimento não pode ser visto como uma falsificação do estatuto da testemunha. Trata-se, antes, do contrário, uma vez que nenhum testemunho dá a ver a integralidade do acontecimento, não substitui a experiência. Mas todo testemunho é um ponto de contato possível com ela. (PERES, 2016, p. 8)

Sendo assim, cada texto se apresenta como uma experiência singular da vivência. A narrativa, aqui, também busca fazer essa ponte e aproxima o leitor das histórias apresentadas, promovendo um ponto de contato e um compartilhamento da realidade.

3.1 Livro-reportagem

Hoje há muitas maneiras de se construir e disponibilizar a informação. O livro persiste como um recurso, uma espécie de suporte jornalístico dentro do meio. Para Sousa (2008), o livro se caracterizou como um “novo fenômeno pré-jornalístico”, um “anúário noticioso”, aproximando anseios do campo da história e do campo jornalístico. O livro é suporte importante no campo do jornalismo, como observam Paula Rocha e Cíntia Xavier:

A utilização do livro como suporte para o jornalismo não é atual, mas nem todo livro corresponde a não-ficção. Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias. No âmbito da ciência, a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considera o livro-reportagem como um campo de conhecimento dentro da área da Comunicação, que por sua vez pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 7)

As características de um livro-reportagem estão relacionadas, por exemplo, a elementos que asseguram narrativas aprofundadas, que conseguem misturar diferentes gêneros como o literário, o interpretativo e o investigativo – e se apresentar como híbrido. Tudo se dá a partir dos procedimentos padrão do jornalismo: apuração/investigação/verificação, redação, edição.

No caso do livro-reportagem, há técnicas específicas de elaboração e construção da obra. E, no caso de livros com temas como este que aqui se apresenta, trabalhar a

humanização é um dos procedimentos considerados importante, como Rocha e Xavier destacam:

Outro procedimento adotado no livro-reportagem é a humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto. Nesse sentido, as fontes, sejam oficiais ou não, ou oficiosas aparecem como personagens e podem receber tratamento isonômico não hierárquico. (ROCHA; XAVIER,, 2013, p. 13)

Este livro-reportagem inspirado no cenário pandêmico trabalha os anos de 2020 e 2021 (e é produzido neste mesmo espaço de tempo). Carrega uma narrativa que une histórias distintas, mas que são marcadas pelas angústias de um mesmo tempo e contexto históricos. É um trabalho próximo do que se convencionou chamar de “jornalismo literário”, influenciado por autores como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, por exemplo. Desenvolve-se, a partir do trabalho desses profissionais, o conceito de *New Journalism* ou “Novo Jornalismo” – que se afastava da mecanicidade e distanciamento do jornalismo tradicional, dando lugar a uma narrativa mais imersiva, detalhada e sensível, onde o autor se colocava de forma mais direta na história, buscando também uma aproximação entre o leitor e a narrativa. Tom Wolfe (1975, p. 22) define o *New Journalism* como a descoberta de um jornalismo que podia ser lido como um livro o é. Havia, entre esses autores, muito questionamentos que contrapunham objetividade e subjetividade, como observa Rossi:

A reportagem jornalística ganhava dimensão estética e suscitava novos questionamentos acerca dos conceitos objetividade e subjetividade e das fronteiras entre ficção e realidade; entretanto, tal linguagem, apesar de transgressora, não era inédita. A própria expressão “novo jornalismo” remonta ao final do século XIX, quando foi cunhada pela primeira vez. (ROSSI, 2013, *online*)

Apesar de o Jornalismo nunca ter perdido suas características centrais como factualidade, relevância social, interesse público, clareza e objetividade, com o tempo desenvolveram-se outras maneiras de utilizar estes “pilares narrativos” em novas estruturas de texto. O chamado *jornalismo literário* passa a ser, então, um suporte poderoso de grandes jornalistas e mídias de informação para ir além da notícia. Foi inspirada nessa concepção que escolhi não me utilizar do texto frio e distante do jornalismo convencional.

A narrativa “literária” abraçaria melhor as histórias que eu queria contar e proporcionaria de forma mais eficaz a aproximação e reflexão do leitor diante os textos.

Era preciso falar da dor da forma mais sensível e empática que eu conseguisse, sem que isso minimizasse ou deturpasse a própria experiência da dor.

3.2 Entrevista

A entrevista, um dos “pilares” da prática jornalística, é o que possibilitou a elaboração desse livro. Ela se fez ainda mais importante diante a realidade limitante (em muitos sentidos) da pandemia de Covid-19. Essa técnica foi definida por Nilson Lage (2001) como “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo”, caracterizado pela “consulta às fontes” e que objetiva, em geral, “a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (p. 73).

Por isso a relação entre entrevistador e entrevistado é um dos temas mais estudados no campo da Comunicação e do jornalismo. Pesquisadores como Cremilda Medina (2000), por exemplo, percebem a entrevista como técnica de interação, que também é marcada por uma interpenetração informativa, “quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais, sociais” (p.8).

Para Lage (2001), a entrevista pode ser dividida em diferentes tipos, melhor atendendo à circunstância e necessidade do entrevistador e da própria entrevista. Elas podem ser: ocasional, confrontadora, coletiva ou dialogal, e podem ser também ritual, temática, testemunhal ou profunda. De forma resumida, destaco as características de cada uma:

- Entrevistas ocasionais: são aquelas que acontecem sem agendamento prévio, sem preparação específica ou programação. Nelas o entrevistado pode dar respostas mais diretas e espontâneas;
- Entrevistas confrontos: aquelas onde o repórter assume o papel de questionador, inquisidor, contra-argumentando e pressionando o entrevistado;
- Entrevistas coletivas: Neste caso o entrevistado é questionado por jornalistas de diferentes meios de comunicação. Nesse tipo de entrevista não se estende um diálogo, são apenas perguntas e respostas.
- Entrevistas dialogais: São entrevistas agendadas e programadas onde o diálogo é aprofundado, possibilitando abordar detalhes e angulações de acordo com o tom que a conversa é pensada ou o tom que ela toma;

- Entrevistas rituais: aquelas onde a mensagem fica em segundo plano, são entrevistas rápidas que muitas vezes ganham um tom simbólico e que cumprem uma formalidade;
- Entrevistas temáticas: o entrevistado, neste caso, tem autoridade para discorrer sobre um tema de forma aprofundada, auxiliando na compreensão e resolução de um problema;
- Entrevistas testemunhais: onde o entrevistado conta sobre o que vivenciou ou viu. Como uma reconstituição daquela experiência, ele descreve o ocorrido e acrescenta as próprias interpretações, sensações e impressões;
- Entrevistas em profundidade: o entrevistado e seu depoimento são o ponto central. Aqui o objetivo é mostrar, quase como em um ensaio, as impressões e representação de mundo da figura entrevistada.

No produto em questão, utilizo-me das técnicas de entrevista testemunhais e dialogais. Testemunhais, pois o foco das histórias são os relatos sobre a experiências pela qual o entrevistado passou, com a descrição sobre os fatos e também sobre as interpretações e sensações vivenciadas por ele. Dialogais, pois as entrevistas foram pré-agendadas e estabelecidas em forma de diálogo aprofundado.

As entrevistas se deram, em sua grande maioria, em formato virtual, por aplicativos de mensagens ou de vídeo chamadas, em circunstância da pandemia de covid-19 marcada pelo distanciamento físico que implica.

4. Pauta estendida

A proposta deste trabalho é contar, a partir do relato de experiências individuais – mas que foram vivenciadas por muitas pessoas, revelando dores e aflições muito semelhantes em todo o país – sobre como foi viver a pandemia de Covid-19 no Brasil. A necessidade de falar do que parecia ser indescritível enquanto vivência foi o impulso para a escolha desse tema. “Há no discurso o interdito, aquilo que fica no “entre”, uma “terceira margem” que extrapola qualquer enquadramento, que está no meio do silêncio e da palavra”. (PERES, 2016, p. 100)

Todas as etapas do projeto foram realizadas durante a pandemia e todo o processo de planejamento e produção do livro foi influenciado por ela – o que contribuiu para que se revelassem, de modo muito concreto, os desafios do jornalismo e do jornalista nesse percurso. São desafios visíveis dentro e fora das redações. Bom exemplo disso pode ser percebido na fala de Karen de Souza, na época apresentadora do *Programa Conexão*, do Canal Futura, no Rio de Janeiro, no site Uninter: “Eu tô (*sic*) gravando e editando o meu material, então, na verdade, a minha rotina de trabalho mudou de cabeça pra baixo, mudou tudo!”

Com o distanciamento social e as medidas de segurança e higiene, todas as etapas de concepção e produção do livro foram feitas, quase que em sua totalidade, de casa. As personagens foram encontradas por meio de pesquisa em redes sociais e internet, ou pela indicação de algum conhecido. O contato com as fontes foi feito também de forma *online* e, somente em alguns casos, as entrevistas se deram pessoalmente (respeitando todas as normas de segurança).

A primeira grande dificuldade foi justamente firmar uma colaboração ativa com as personagens. Muitas pessoas entre aquelas com as quais entrei em contato para explicar o trabalho e convidar para uma participação não se interessaram de pronto por medo da exposição e de trazer à tona as angústias que certas experiências vivenciadas provocaram. Outras que aceitaram o convite não chegaram a cumprir o combinado a partir da minha proposta, o que me deixava sem material para desenvolver os textos.

Percebi que essa forma “mais livre” de pedir a essas fontes que me relatassem suas experiências – explicando como o livro seria produzido e como as histórias seriam construídas – não estava dando resultados. O trabalho atrasou bastante em função da espera por esses relatos que, muitas vezes, nem chegavam. Foi preciso recorrer a alguns

autores para desenvolver novos métodos jornalísticos que se adequassem àquela situação e à proposta do livro. Recorri a uma reflexão de Felipe Pena em uma abordagem sobre o jornalismo literário:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 13)

Voltei, então, à busca pelos personagens. Escolhi sete possíveis pessoas a partir das histórias que eu imaginava que eles poderiam me passar. A intenção era, desde o início, expor diferentes vivências da pandemia. Mas como é impossível falar sobre todos os tipos de questões geradas por esse acontecimento, optei por abordar profissões ou condições que, de alguma forma, destacavam-se nesse tempo: seja pelo seu contato direto e mais intenso com o que acontecia, seja pelo grande impacto sofrido por aquela pessoa. A intenção era que, em pelo menos uma das sete histórias pautadas, o leitor pudesse notar alguma semelhança com a sua própria experiência e adquirir um olhar mais empático diante das diferentes vivências de pandemia no país e no mundo.

Para produzir textos sensíveis, precisei voltar meu olhar para os sentimentos, pensamentos e sensações contidos nos relatos. Desenvolver uma conexão a partir de uma base de confiança e respeito era o único jeito de fazer com que as personagens compartilhassem comigo algo tão íntimo. Esse foi, certamente, o maior desafio. Falar de sentimentos não é tarefa fácil. Falar da perda é quase revivê-la. Falar de desafios que ainda estão sendo enfrentados pode gerar angústia. Falar da alegria em meio à dor pode parecer uma afronta ou gerar constrangimentos. O que se perguntava, como se perguntava e, principalmente, o quanto eu estava disposta a ouvir foram elementos importantes para possibilitar os relatos e para construir as narrativas. Foi o que permitiu que os sentimentos se transformassem em textos.

Segundo Resende (2009, p.38), “o jornalista, quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades de encontro” e, além disso, “no tecido da vida, ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve”.

5. Processo de entrevista

As narrativas trabalhadas nesse percurso foram produzidas ao mesmo tempo em que eu fazia contato com variados personagens e suas histórias. Descrevo aqui esse processo em ordem cronológica, começando com uma história sobre um nascimento. Eu já conhecia a Eliana, personagem principal, e enxerguei naquela vivência um poder de amplificação sobre ser gestante na pandemia e sobre carregar, em certo aspecto, a esperança que a gente tanto procura enxergar em nós mesmas nesse tempo de incertezas. Entrei em contato com ela, expliquei sobre o projeto e, mesmo com toda a timidez que lhe é característica, Eliana aceitou conversar comigo.

No caso desse relato houve um encontro presencial, em meados de maio de 2020, observando-se todos os cuidados necessários, tais como o distanciamento, o uso de máscara e de álcool em gel. Além disso, a entrevista foi realizada na área externa da casa, situada na cidade de Mococa, interior do estado de São Paulo, a quase 270 km da capital. Como eu já tinha contato com Eliana antes deste trabalho – em função de alguns laços de amizade já existentes entre nossas famílias – e já sabia alguns detalhes de sua experiência, a conversa foi rápida. Além disso, uma mãe não tem muito tempo disponível. Rápida, porém necessária para que eu pudesse me aproximar do que ela sentiu durante sua gestação e parto – e do que ainda sente neste momento de sua vida.

A segunda história trata da saúde mental no cenário de pandemia. O processo de construção foi semelhante ao que vivenciei ao trabalhar a primeira história. Nesse caso, eu também já conhecia a fonte. Suspeitava que a pandemia havia se transformado em um grande desafio para essa pessoa, que já enfrentava a depressão há algum tempo, mas que vinha conseguindo superar suas inquietações. Esse contato foi uma das minhas maiores dificuldades em todo o processo de construção deste livro. Eu não tinha certeza sobre qual seria a melhor forma – ou a menos invasiva – de abordar a questão. Entrei em contato com a Liz, a personagem, expliquei sobre o projeto e ela ficou de me retornar.

Para mim esse retorno pareceu demorar semanas, mas, na verdade, tive a resposta em poucos dias. Passado esse tempo, ela me chamou por rede social e disse que aceitaria conversar, principalmente porque já éramos próximas, porque eu já conhecia boa parte da história e porque tínhamos carinho uma pela outra. Mas isso tudo não fez com que a conversa fosse fácil. Nós nos encontramos uma vez, também com todos os cuidados demandados pelo quadro de pandemia, e mantivemos, posteriormente, uma conversa por

aplicativo de mensagens. Foi desafiador falar sobre saúde mental. Especialmente nesse momento em que ninguém, com consciência de realidade, está bem. Quem conta as histórias, quem as escreve e quem as lê estão, todos, enfrentando questões diversas marcadas pela doença, suas complicações e seus efeitos psicoemocionais. O livro não podia deixar de falar sobre isso.

A partir das experiências de contato com as duas primeiras fontes (para as duas primeiras histórias), pude rever o método de abordagem e de comunicação com as possíveis personagens da terceira crônica. Acredito que tive também um pouco de sorte ao escolher o Lucas para contar um pouco sobre as experiências de um profissional da saúde na Pandemia. Já tinha o Lucas como contato em uma rede social, mas nunca havíamos nos falado ou nos visto. Foi por essa rede social que eu soube que ele era enfermeiro e que vinha atuando na linha de frente contra a Covid-19 em Ribeirão Preto-SP. Entrei em contato com ele pelas próprias redes sociais e expliquei tudo sobre o trabalho que estava desenvolvendo.

Ao me retornar, ele explicou que não poderia me ajudar pois, por razões pessoais, não estava mais, naquele momento, atuando como enfermeiro. Contou, então, que havia perdido três familiares para o Coronavírus. Apesar de tudo isso, Lucas se mostrou muito interessado em ajudar e me mandou o contato de uma enfermeira conhecida, que estava atuando na função. Mantivemos contato e ele passou a me contar, despretensiosamente, um pouquinho sobre suas perdas. Quando comecei o projeto deste livro já entendia sobre a necessidade de falar sobre a morte, de ter uma história que abordasse esse processo doloroso – afinal, até o momento que estas linhas estão sendo escritas, o Brasil já ultrapassa as lamentáveis 600 mil vidas perdidas. O Lucas, infelizmente, tinha essa história de perdas familiares.

Adquirimos um respeito muito genuíno um pelo outro e, com as nossas trocas, senti que ele estaria aberto para compartilhar sua história comigo. Conteí a ele minha ideia, frisando, principalmente, que a escolha de partilhar sua história comigo era livre, que ele podia tranquilamente aceitar ou não. Acrescentei que faria esse trabalho com toda a ética, respeito e empatia pela sua dor. Diante de todos os pontos colocados, pedi para ele pensar. Cerca de dois dias depois, ele me mandou uma mensagem aceitando conversar comigo e me contar sua experiência – o que, para mim e para ele, pareceu uma espécie de homenagem a algumas pessoas. Optamos pelo uso de nomes fictícios para poupar a família e mantivemos as entrevistas pela internet.

Seu relato chegava para mim através de áudios. Todo esse processo durou mais ou menos um mês, até que eu começasse a escrever a crônica. Tem coisas que só quem

viveu sabe dimensionar. Eu não tinha perdido ninguém para o Coronavírus, então era impossível eu me aproximar por completo daquela experiência, mas acredito que, apesar do meu intermédio, ela precisava ser contada. Para não esquecermos de quem eram aquelas pessoas, de que todas elas tinham histórias e deixaram amores e lembranças.

Quase que simultaneamente às minhas conversas com Lucas, entrei em contato com uma conhecida da universidade que havia feito um post nas redes sociais, em 2020, sobre a situação de seu pai. Ele era um artista com dificuldades para enfrentar a pandemia. Aquilo me sensibilizou desde a primeira publicação. Perguntei a ela, então, se poderia me colocar em contato com esse pai. Expliquei que queria falar sobre a arte e, mais que isso, sobre os artistas num momento tão nebuloso como esse. Queria saber sobre as dificuldades enfrentadas por essa classe de trabalhadores. E seria, também, uma forma de agradecê-los por nos proporcionar momentos que ajudavam a nos “manter no eixo”. Roma, como carinhosamente é chamado por todos, de pronto se colocou à disposição e, em uma semana, me enviou um texto, por e-mail, relatando sua experiência e sua situação até aquele momento. Olhar para essa história foi um “restauro” e me ajudou a retomar o fôlego para manter esse projeto. Porque falar sobre “pandemia enquanto se vive a pandemia se tornou o trabalho mais difícil da minha graduação.

As narrativas que produzi em seguida tiveram todas um processo muito parecido de construção: foram fontes que encontrei através de colegas jornalistas que já conheciam um pouco das histórias e acreditavam que elas seriam interessantes para o meu produto. Estes colegas – a maioria do estado de São Paulo, mas alguns também de Minas Gerais – me colocaram em contato com as personagens, seja acessando o número de telefone ou pelas redes sociais. Tendo em vista que eu já sabia um pouquinho das histórias que aquelas pessoas iriam me passar, foquei em tentar estabelecer um bom primeiro contato, a fim de construir confiança, liberdade e certa intimidade para que o trabalho fluísse de forma confortável.

O contato com Dona Geralda, através de mensagens e chamada de vídeo, foi o que me provocou mais receios. Havia crianças envolvidas na história que, basicamente, tratava da fome. Não foi necessariamente uma decisão falar sobre isso, foi uma necessidade diante a realidade de miséria e crise social/econômica que o país se encontra – e que é agravada no cenário pandêmico. Porém, já no primeiro contato com a família, entendi que aquelas pessoas eram muito maiores do que a triste situação que viviam. Dona Geralda queria contar sua história – talvez porque quisesse desabafar. Além disso, ela estava atenta ao meu processo de trabalho e colocou-se sempre à disposição do início ao fim.

Na sequência estabeleci contato virtual com Camila. Como a situação no hospital onde ela atua ainda demandava certa atenção, tentamos esgotar todos os pontos pertinentes em uma só entrevista. Não demorou nada para a Camila me contar a história de Seu Francisco. Ela dizia que, apesar de doída, essa história lhe renovava as esperanças, tanto em relação a um futuro sem essa doença, quanto em relação às nossas trocas um com o outro. Pois, mesmo ali, diante de tanta fragilidade e medo, o carinho se estabeleceu.

As histórias estão, propositalmente, organizadas dentro do livro na ordem em que foram escritas. A ordem também é a mesma colocada aqui. Na minha concepção, isso contaria muito do processo como um todo e aproximaria o leitor da minha experiência enquanto quem reporta e narra. Cada um conhecerá as histórias na sequência em que eu conheci. A ideia de “unidade”, neste livro, se dá desde sua concepção até sua leitura. Estamos vivendo medos e dores diferentes, mas vindos de um mesmo lugar.

Para fechar o livro, as circunstâncias me apresentaram a história que, a meu ver, traz o sentimento mais partilhado por nós nesse tempo de pandemia: a saudade. Henrique e Seu Alberto personificaram essa nossa angústia que também é força para continuar, sobretudo a partir da esperança no reencontro. O contato com os dois também se deu através de chamadas de vídeos. Conversei primeiro com Henrique, separadamente, e depois com os dois juntos. Eles fizeram parecer fácil falar sobre a saudade – ainda que eu já soubesse que aquela era, sim, uma tarefa difícil. Foram muito atenciosos e me deram mais da história do que eu, a princípio, esperava.

Cada pessoa que está neste livro deixa muito de si. Suas memórias e sua experiência presente acabam por dizer muito sobre o momento que o mundo atravessa. A pandemia nos tirou muita coisa: tempo, presença, oportunidades, trabalho, bens materiais, sossego, saúde... mas talvez por essas mesmas perdas a gente consiga se unir, entendendo que, por mais que cada um tenha sido afetado de uma forma, todos (com o mínimo de senso de realidade) vivemos a pandemia de Covid-19 e enfrentamos nossas dores.

6. Projeto Gráfico

No esforço para retratar as experiências da pandemia de forma aproximada, pareceu-me significativo que o livro fosse produzido no formato e-book, de forma que possa chegar às pessoas também em períodos de isolamento e em lugares e circunstâncias onde o trabalho digital consegue alcançar mais facilmente seu leitor. O produto, assim, apresenta-se da seguinte maneira:

Capa (trazendo ao fundo a cor azul, que muitas vezes é associada a temas relacionados à saúde e, à frente, o desenho de uma bolha transparente com uma máscara de proteção facial dentro, em referência à pandemia de Covid-19 e ao distanciamento social). A capa precisava de imediato situar o possível leitor no tema. Era necessário que não só o título mas a imagem estabelecesse com a pessoa um primeiro contato imaginativo, com uma arte que, sozinha, já nos desperta a memória da pandemia de Covid-19; Folha de rosto (contendo apenas o título da obra e autoria); Ficha catalográfica; Dedicatória; Epígrafe (com o trecho de poema “Mãos Dadas” de Carlos Drummond de Andrade). O trecho foi escolhido não só pela minha profunda admiração pela obra do poeta, mas pela sensibilidade com que o Drummond fala sobre as coisas. Em alguns versos desse poema podemos fazer paralelos com a situação de pandemia: não nos afastemos muito - apesar do distanciamento e do isolamento - vamos de mãos dadas - continuemos juntos, ajudando, cuidando e nos apoiando; Sumário (com os títulos de cada história: Vida, Isolamento, Arte, Morte, Cuidado, Fome, Saudade). A ideia aqui é que os títulos sejam substantivos, que reflitam os “momentos” da pandemia - que não necessariamente ocorrem na ordem disposta e nem de forma isolada, mas que ganham força em determinados períodos, depois deixam de ser comentados e muitas vezes voltam a atravessar nossas vidas de forma mais intensa. Em alguma medida todos vivemos um pouco desses “substantivos da pandemia”; As histórias são dispostas na sequência anteriormente apresentada.

O livro é disponibilizado no formato e-book, contendo 44 páginas, com design simples e minimalista nas cores azul, branco e preto.

As fontes utilizadas são:

Capa- título: Agency FB (Bold), tamanho: 48 pt e 24 pt; Assinatura: fonte- Agency FB (Regular), tamanho: 13 pt;

Título do Livro Folha de Rosto - Fonte: Agency FB (Bold); tamanho: 36 pt e 18 pt; Assinatura: fonte: Agency FB (Bold); tamanho: 13 pt;

Elementos Pré-Textuais (Ficha Catalográfica, Dedicatória, Agradecimentos, Epígrafe): fonte: Monotype Corsiva (Regular); tamanhos: 10 , 12, 18 e 25 pt;

Textos Principais (Relatos): fonte dos Títulos: Colonna MT, Regular, tamanho: 25 pt; Fonte Corpo do Texto: Perpetua, Regular, tamanho: 12 pt;

Cabeçalho e Rodapé: fonte: Constantia, Regular, tamanho: 11 pt;

Numeração das Páginas: fonte: Constantia, Regular, tamanho: 11 pt.

As escolhas das fontes e tamanhos atendem a duas questões principais: estética (para construir a imagem de um livro minimalista e delicado), e propriamente à sensibilidade, auxiliando na construção de uma narrativa intimista, com traços poéticos.

7. Considerações finais

“Memórias Narradas: cotidianos atravessados pela covid-19” é um livro que conta uma dada realidade. Ele se justifica por ter como base o tema central desde 2020: a pandemia de Covid-19. O jornalista, como profissional que fala sobre o real, sobre o cotidiano e as pessoas, sobre o passado, o presente e o futuro, não poderia se abster em relação a isso. A pandemia atravessou a minha vida enquanto eu concluía minha formação em Jornalismo e, tendo a chance de produzir um material sobre algo ou alguém, escolhi falar sobre as experiências de pessoas comuns no enfrentamento desse momento.

Foi difícil, pois falar sobre a pandemia de forma realista implica falar sobre dores e perdas diversas, mas é necessário lembrar e encarar o que é difícil para darmos a dimensão real do problema em busca de soluções e tentarmos visualizar os nossos erros enquanto indivíduos e enquanto sociedade, durante todo esse processo.

Mas não apenas isso. Também é para falar sobre nossa força e nossa humanidade, reforçando que cada história é importante, que cada perda é significativa e insubstituível e que cada enfrentamento é muito difícil na experiência de vida de quem o vive.

8. Referências

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>. Acesso em novembro. 2021.

MEDINA, Cremilda. **Jornalismo e compromisso social: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina**. [Entrevista concedida a] Ana Lúcia Medeiros. Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, volume 4, número 2, p. 193-205, julho/dezembro, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sobre a doença. **Ministério da Saúde, 2020**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/Coronavirus/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 27 de dez. de 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

PERES, Ana Cláudia. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 97, 99, 100, abr. 2016. Acesso em dezembro. 2021.

RESENDE, Fernando. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. Tese apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. São Paulo, 2002

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

ROCHA, Paula M. e XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Revista Rumores(USP), n.14, vol 7, pág 7 e 13, julho-dezembro 2013. Acesso em dezembro. 2021.

RODRIGUES LAGE, Leandro. **O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas**. In: Revista Contracampo, vol. 27, n. 2, p. 71-88. Niterói, 2013.

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, João Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acessado em: 28 dez. 2021.

SOUZA, Jéssica Jorge Felipe de. **Os desafios da reportagem em tempos de pandemia. Alguém precisa informar ao mundo**. UNINTER, 2020. Disponível em: <<https://www.uninter.com/noticias/os-desafios-da-reportagem-em-tempos-de-pandemia-alguem-precisa-informar-ao-mundo>>. Acesso em: 27 dez. de 2020.

ROSSI, Vera Helena Saad. **The New Journalism**: um jornalismo antigo que permanece novo. HOMOLITERATUS, 2013. Disponível em: <[THE NEW JOURNALISM: um jornalismo antigo que permanece novo - Homo Literatus](#)>. Acesso em : 27 de dez. de 2021.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Londres, Picador, 1975.